

Gilberto Gil Umbelina



“Antigamente as músicas eram feitas através de metáforas”

Gilberto Gil Umbelina é músico, compositor, escritor, jornalista e agente cultural. Gilberto Gil Umbelina compõe as suas canções que interpreta com a guitarra. É uma referência no palmarés de cantores principenses, mino ié, como gosta de frisar quando se refere a Principense, filho da ilha. Mais do que um músico da ilha, é um defensor e impulsionador da identidade cultural e da autonomia da Ilha do Príncipe.

P: Converso com Gilberto Gil Umbelina, autor, compositor e intérprete de várias músicas. Eu sei que o seu encontro com a música teve vários momentos. Fale-me desses momentos nessas variantes todas de compositor, intérprete e produtor. O período que estamos a estudar vai de 1960 à 1980. Em que momento é que estas músicas constituíram para si um meio de resistência, rejeição e oposição ao sistema Colonial? Queremos saber que músicas contribuíram para a resistência e afirmação cultural.

GGU: “*Ponta mina cu bom fá*”.

P: “*Ponta mina cu bom fá*” foi em que ano?

GGU: Foi nos anos 60, foi a minha primeira composição quando fundei os “Diabos do Ritmo”.

P: O que essa música queria dizer e em que medida ela contribuiu para a oposição ao sistema colonial fascista?

GGU: Ainda me lembro que era 18 de Outubro no Sporting... é uma coisa que me faz lembrar... não que nós estivéssemos contra a entrada dos homens brancos porque havia jogadores portugueses que eram jogadores do Sporting, eles entravam, eram convidados. Todos os que não eram convidados arranjaram problemas e acabou-se com a festa no Sporting.

P: Então qual foi o mote?

GGU: Essas discrepâncias sociais, excesso de autoridade que era mesmo do sistema colonial. Muita coisa mesmo... em nossa casa vivíamos... todos aqueles indivíduos apanhados sem julgamento passavam aqui para ir para a cadeia. Nós víamos aquilo tudo. É o somatório de muitas coisas.

P: Então “Ponta Mina” que mensagem queria transmitir?

GGU: O “Ponta Mina” queria mostrar que nada dura para sempre e que aquilo havia de acabar, nada é eterno. O 25 de Abril também contribuiu pra isso.

P: Essa música “Ponta Mina” trazia uma mensagem de esperança para as pessoas. O que ela retratava propriamente?

GGU: Antigamente as músicas eram feitas através de metáforas que é das coisas mais ricas das línguas crioulas e a nossa também não fica atrás. Retratava com alguns provérbios e *Lunguiê*. Através disso transmitíamos as mensagens para quem precisava ouvir. Tanto é que quando nós lançámos esse tema interpretado por Tuly que era o cantor da banda, tivemos muita audiência.

P: Será que as pessoas do regime colonial entenderam alguma coisa?

GGU: Ai de nós.

P: Mas será que não pediram a tradução dessa música a ninguém?

CGU: Ouvi dizer que determinadas pessoas fizeram uma tradução como lhes convinha. No pós 25 de Abril dissemos que o objectivo da canção era diferente da interpretação deles. Eu próprio fui vítima de muita coisa. Lembro-me de uma vez ir ver um jogo de futebol com o meu avô. Eu nunca soube jogar à bola e o Sporting jogava, não sei com quem. Uma bola foi bater no capacete do Sr. Macedo. Ele vinha para me dar uma chapada, sorte que o meu avô estava no campo, se não eu iria levar.

Lembro-me de outra: Ia eu, o Júlio Shimite, o Simão e mais outros já falecidos. Iamos para o aeroporto à procura de trabalho de lavar aviões, porque era o que estava a dar. Então o Siqueira deu-me dois pacotinhos que eu trazia na mão, então um jipe parou no aeroporto, um senhor desceu e disse: “Tu anda cá, entra aí, sobe no jipe”. Quando cheguei à esquadra da polícia, o homem estava a fazer-me perguntas sobre quem me deu o pacote. Eu não podia dizer que era o Siqueira que me deu, porque ia coloca-lo em cheque. De repente, levei um soco efiquei a sangar no nariz. O que me salvou foi dizer que sou sobrinho do Sr. Bernardino. O homem parou e não me bateu mais. Isso tudo é uma contextualização das revoltas que eu tinha cá dentro.

P: Como é a música de “*Ponta Mina*”? Podes recitar?

CGU: Nesse momento não. Depois eu dou.

P: Então vamos à segunda música que é *Ponta Mina que bom fa, Zaó pla macaco via ledó, Ope de fogo che quá, Ponta mina che bá*. Outra música de afirmação e de resistência cultural.

CGU: “Papagaio”. Mas “Papagaio” já vem noutro contexto, já depois da independência. Eu fiz essa bem Paris. Quem me informava sobre as coisas todas eram duas pessoas: Felício e Fátima. Essa música é uma homenagem ao Príncipe, basta ver a letra, quando houve a revolta de 26 e 27, aqueles episódios todos.

P: O que é isso da revolta de 26 e 27?

CGU: Segundo aquilo que me informaram e depois outros confirmaram é que pegaram no Santo António, vestiram-no todo de luto e vieram para a rua manifestar-se. A malta do Príncipe, desde o tempo do meu avô, sempre manifestou a sua revolta, sobretudo contra a injustiça social.

P: Tem alguma outra música anticolonial que conheça?

CGU: Não. Quando me lembrar, depois mando uma nota. Para min é esta do “*Ponta mina que bom fá*”. Eu lembro-me bem do Sporting. Não só os brancos estavam lá, Gualdino também estava lá.

P: Quanto ao teatro?

CGU: No teatro passou-se muita mensagem. O Sr. Stélio e o Sr. Filipe. Eu também representei teatro, recitava poemas.

P: Lembra-se de alguma peça mais satirizada?

GGU: O Sr. Filipe Luís tinha muito jeito para o humor. Outra coisa que havia era o grupo “*Só Tomé de Tlundo*”. Eles também satirizavam a performance e faziam as pessoas rirem muito. Não tenho letra de nenhuma música.

P: E em termos da dança?

GGU: Era o Belé. Era uma dança em que cada mulher estava com o seu parceiro. Era muito sensual, não tinha aquele amor de palavras, mas era corporal. A senhora Maria da Graça dizia para ter cuidado com as letras.

P: Também se falou que mesmo o São Lourenço houve uma época em que o proibiram. Ovi duas vertentes: uma que ovi foi um administrador que mandou apresentar o S. Lourenço por x tempo, como uma punição. Sabe alguma coisa acerca disso?

GGU: Quem sabia daquela história toda acabou de morrer que era o Sr. Dias. Ele sempre contava isso. Ele vinha com a sua gamela de peixe e Custódio diz-lhe: “Põe a gamela aí e distribui o peixe para toda essa gente.” Há quem saiba melhor todo esse episódio. O senhor Cota sabe muitas coisas, é mais velho.

Creio que foi apresentado todos os domingos durante um mês. Havia uma coisa de que eu gostei muito. Para fazer o S. Lourenço poucos tinham essa capacidade. Eu vi o Sr. Manuel, era compositor. É um homem que cantava de uma maneira muito peculiar e ele representava Ferrabrás. O Sr. Daniel também fez Ferrabrás. Ele recitava a deixa e ao mesmo tempo estava dando espectáculo em *lunguiê*.

Quem também tinha essa capacidade era o Rafael que ficou na História. Daí, desse espectáculo saíam pequenas metáforas em *lunguiê* que só quem percebia bem o *lunguiê* entendia o que se estava a dizer. Eu lembro-me muito bem de, em casa, a minha mãe e a tia Alda a contar à avó. Toda a gente queria saber o que eles disseram dessa vez, porque a mensagem passava.

¹ Por um lado, a celebração carnavalesca em São Tomé e Príncipe comunga, em parte, o espírito de Carnaval do Brasil e de Cabo Verde. A população, principalmente a mais jovem, não se inibe de trazer esse espírito para esta festividade eletrizante, com muita música, dança e desfiles. Por outro lado, o carnaval tradicional, conhecido como “Tlundo”, também animou o período carnavalesco no país, embora o estilo brasileiro de celebração seja o mais popular, principalmente entre os mais jovens. Antigamente, vários grupos de “Tlundo” percorriam os bairros e comunidades de São Tomé e Príncipe, durante os 3 dias de carnaval. A mensagem normalmente carregada de crítica social era transmitida através do crioulo fôro. Hoje, o grupo de “Tlundo”, que é composto apenas por homens, resiste ao modernismo que transformou o período carnavalesco de São Tomé e Príncipe. O desfile de Carnaval é organizado também por alguns infantários, escolas primárias e até mesmo secundárias. No dia 17 de fevereiro, a Escola Portuguesa de São Tomé retomou a actividade de Carnaval, depois de um período de interrupção de 3 anos. Todos os alunos e professores desfilaram pela cidade.

Essa é uma parte fundamental do S. Lorenço. Muita gente pensa que é só ir ver e ouvir Floripes. O Sr. Pedro Salomé também passava essa mensagem quando representava o Ferrabrás. Quando o administrador chegava ele estava a passar a mensagem e toda a gente ficava a rir.

P: Muito obrigado, senhor Gilberto e se lembrar de alguma outra coisa me avisa.

Ano de 2023
Entrevistadores: Natália Umbelina
Edição: Paula Ferreira

